14-01-2020

É Preciso Resgatar a Credibilidade dos Sindicatos

Luizinho do EISA

[Metalúrgico. Ativista Sindical]

O movimento pela abertura política e anistia no país, pós-golpe civil militar de 1964, começou a ganhar mobilização nacional quando houve a adesão do movimento sindical (embora muitos estivessem nas garras dos interventores). O movimento sindical em todo o país desafiava o regime ditatorial com greves e manifestações históricas. Paralelamente à luta pela anistia dos presos políticos, o movimento sindical de esquerda começou a retomá-lo das garras dos interventores das entidades. Assumindo o controle dos sindicatos, os trabalhadores e as suas direções estavam comprometidas com as lutas pela anistia ampla e geral, pelo fim do regime militar e pelas eleições *diretas*, além da luta por uma nova ordem constitucional. O sindicalismo resgatou a credibilidade junto aos trabalhadores. Entre os anos 1974/1990, o movimento sindical brasileiro participou ativamente, atuando na melhoria das relações capital e trabalho, em lutas específicas, tanto econômicas quanto por melhores condições de trabalho e, também, nas lutas por bandeiras nacionais políticas.

Foi decisiva a participação dos trabalhadores na campanha das "Diretas Já" e no "Fora Collor" (impeachment).

Essa credibilidade do movimento sindical começou a sofrer arranhões, quando, nas eleições de 2002, foi eleito e tomou posse Luiz Inácio. LULA, um operário e dirigente sindical, levado ao mais alto posto da nação por um movimento que teve nos sindicatos seu mais relevante fator para a vitória.

Muitos dirigentes sindicais optaram por se aboletarem em cargos no novo governo, deixando de lado as lutas de suas categorias e foram se afastando de suas bases, tornando-se ilustres desconhecidos dos seus outrora representados.

Estes dirigentes ficaram como mariposas presas no globo da lâmpada, cegos pelos encantos e as sinecuras advindas de cargos no governo. O pior ainda estava por vir: foi quando estes dirigentes fizeram das entidades sindicais correias de transmissão de políticas de governo, traindo o compromisso assumido por eles de se conduzirem de forma autônoma e independente em relação aos poderes governamentais, algo vital para o sucesso da luta operária.

Em 2016, a elite do dinheiro e seus asseclas desferiram o fatídico golpe tirando da Presidência da República a companheira Dilma, que fora eleita democraticamente. Tinha fim a experiência de um governo que, mesmo com as suas contradições, havia pela primeira vez elevado milhões de pessoas pobres à condição de cidadãos com direitos e acesso a serviços públicos, ao trabalho formal, à renda destinada à educação, conseguindo que o crescimento econômico trouxesse ganhos para a classe trabalhadora e atuando em consonância com o movimento sindical: fato inédito na história do Brasil.

A elite do atraso, que jamais engoliu a forma de governo petista, se assanhou e viu no golpe a oportunidade de se vingar das derrotas seguidas. Temer, o capitão mor do golpe, logo se ofereceu para efetuar essa tarefa. O primeiro mal a ser tirado do saco de maldades foi a "Deforma" trabalhista que acabou com o imposto sindical, subtraindo o gás que sustentava a vida sindical. A "Deforma" traria em seu bojo mais maldades, como as terceirizações, o trabalho intermitente, o contrato temporário, o parcelamento de férias, bancos de horas, o fim das homologações nos sindicatos etc. Tudo isto tinha como meta a fragilização dos sindicatos e a fragmentação dos operários. O golpe irá encontrar o movimento sindical completamente desmobilizado pelos motivos já citados, o que poderá ser constatado pela falta de reação contra a "Deforma Trabalhista". Há então o fim melancólico do famigerado Governo Temer. Veio o governo tresloucado de Bolsonaro, que, durante toda campanha eleitoral, já deixava claro seu ódio aos trabalhadores e aos sindicalistas. Temer já tinha sido carrasco do movimento sindical, mas numa competição macabra, Bolsonaro faz de tudo para agradar a elite do atraso e ser eleito por ela como mais cruel do que o Temer e arremete um ataque furibundo ao movimento sindical com uma outra "Deforma Trabalhista" que deixou a do Temer no chinelo. Esta "deforma" tem como alvo a desestruturação da organização sindical. Há o incentivo ao pluralismo sindical, fim da justiça do trabalho, obrigando o trabalhador a pagar despesas judiciais, bem como o fim das CIPAs, o fim dos ministérios do trabalho e o da previdência e criação da tal "carteira verde-amarela", ou seja, rasgar a CLT.

E, como reagem a este vendaval de barbaridades os sindicalistas? Articulam os trabalhadores e as forças progressistas para o enfrentamento, como aconteceu em épocas passadas? Antes fosse...

Para se contrapor a mais estes ataques perpetrados por um governo de práticas fascistas, os dirigentes sindicais terão que retornar às bases, organizar os trabalhadores e reconquistar a credibilidade junto aos operários.

Precisarão ainda jurar para eles mesmos que nunca mais ouvirão dos trabalhadores a expressão "faz tempo que não vejo o sindicato aqui na porta da fábrica."

Os sindicalistas deverão em reuniões discutir e convencer os trabalhadores de que terão que ocupar as ruas em manifestações a favor do pleno emprego, contra as demissões em massa e pelo fim dos direitos trabalhistas consagrados na CLT e na CF/88, unificar as lutas das diversas categorias.

Deve também levar os trabalhadores a se manifestarem a favor de operações que combatam a corrupção, pelo não desmonte do SUS, por mais verbas para educação e cultura, contra a desindustrialização e pela defesa do patrimônio público. Agindo assim, estarão ampliando a agenda sindical, indo além das causas econômicas. Terão os sindicalistas que substituir as lutas internas titânicas por ocupação de espaços para suas tendências políticas por uma prática de democracia sindical que propicie o surgimento de novas lideranças, evitando que diretores se entronizem nos cargos de direção.

continua

As sedes sindicais suntuosas herdadas de uma era de "vacas gordas", hoje vazias, deverão abrir as suas portas para atividades culturais, educação, cursos profissionalizantes e de requalificação, cursos de pré-vestibulares para os trabalhadores, familiares e a comunidade, exposições, promover debates com temas da atualidade, revigorando o teor da luta. O sindicalista terá que ter um discurso prático e moderno e atual que alcance os jovens, as mulheres e os aposentados. Precisam estar abertos a novas formas de relacionamentos e antenados com temas tido como novidades para os trabalhadores.	**Como se vê, ainda é possível e necessário o resgate da credibilidade dos sindicatos, embora não seja tarefa fácil, pois mudar conceitos e práticas enraizadas nas mentes e corações leva tempo. Os operários têm consciência que o sindicato é uma criação histórica dos trabalhadores para lutar por melhores salários e condições de trabalho e pela erradicação das desigualdades sociais.** **Sindicato raiz é a organização dos trabalhadores que atua no jogo institucional e se lastreia nas lutas e nos compromissos históricos do/as operário/as.** **▪▪▪**
OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.	